

MÍSTICA FEMININA NA IDADE MÉDIA HISTORIOGRAFIA FEMINISTA E DESCOLONIZAÇÃO DAS PAISAGENS MEDIEVAIS

Lieve TROCH¹

Introdução

Este artigo é uma tentativa de análise de algumas linhas importantes no interior da mística feminina entre os séculos XI e XV. A perspectiva adotada focalizará – de forma crítica – as contribuições destas mulheres na área da teologia e, mais parcialmente, também na área política e econômica. O texto não pretende oferecer uma descrição histórica em geral; antes, propõe uma aproximação eclética e prototípica, em especial, ao atentar para o olhar feminista: é preciso levar em conta (ainda?) a pesquisa de como estas mulheres contribuíram para com a construção da história.

Um olhar feminista significa, neste domínio científico e em primeiro lugar, o uso de uma hermenêutica de suspeita para com as fontes, os autores e a história. Para esta suspeita, utilizarei publicações 'críticas' sobre a mística feminina das últimas quatro décadas. Essa hermenêutica de suspeita nos levará a questionar, sobretudo, o lugar 'dócil' em que a Idade Média é usualmente alocada na historiografia. Ocupados com o passado como passado – em uma busca do *proprium* medieval – ou com o passado como presente – em busca de raízes medievais, historiadores deixaram por vezes de perceber o efeito da modernidade ocidental sobre nossas representações. A medievalística parece ter funcionado, nesse ínterim, como uma espécie de 'orientalismo' *a la* Said: a Idade Média importa na medida em que constitui (na negação ou na afirmação) a identidade do Ocidente Moderno Imperial (Kinoshita).

É preciso estabelecer, pois, uma nova gramática do tempo para delinear um futuro diferente para a Idade Média. Eis algumas agendas que se impõem nesse contexto de suspeita: a desestabilização de identidades hegemônicas, o deslocamento do Cristianismo e a própria descentralização da Europa (Cohen, 6-7). Como se nota, ainda acreditando na força pedagógica da História, argumento que é urgente reavaliar a teoria da história da modernidade, bem como reconstruir novas imagens 'medievais' perpassadas por uma energia emancipatória. Necessitamos “escovar a História à contrapelo”, segundo aquelas palavras incisivas de Walter Benjamin.

Sem perder de vista tal agenda interpretativa abrangente para a Idade Média, o artigo aborda três temas mais específicos: (i) no início defino alguns termos para (ii) depois tecer alguns comentários gerais sobre a hermenêutica do material histórico e do papel das mulheres no mundo medieval. Por fim, (iii) elaborarei quatro manifestações típicas da mística feminina no período histórico que se estende do século XI até o século XV.

1. Definições e contexto: Idade Média na Europa Ocidental e a Mística feminina

Antes de fornecer uma definição geral de palavras e conceitos, talvez uma rápida observação possa contribuir para com o desenvolvimento de uma ciência mais

¹ Profa. Dra. da Radboud Universiteit Nijmegen – Holanda, e da Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP-SP.

intercontinental.

A história europeia parece até hoje intrigante para os historiadores e os cientistas das ciências humanas no Brasil. Por um lado, no campo econômico e social, há uma grande suspeita e distância em relação ao que poderíamos chamar de ‘patrimônio europeu imperialista’. Por outro lado, nas ciências como a história, teologia, antropologia, filosofia e ciências da religião, os clássicos europeus são constantemente invocados e, curiosamente, apenas uma menor atenção está voltada aos recursos intelectuais – e místicos – em seu próprio continente e de outros continentes como África e Ásia. Interligar pesquisas de diversos continentes seria, ao que parece, uma tarefa que contribuiria enormemente para a construção de uma ciência situada para além da ocupação colonial das mentes.

Idade Média e mulheres

A historiografia clássica se utiliza de uma periodização que compreende a Idade Média como o período que abrange os anos 330 até cerca de 1500 na Europa Ocidental. Entretanto, os desenvolvimentos dos últimos 40 anos no estudo do período medieval, especialmente aqueles realizados por mulheres, chamam atenção para a definição do termo "Idade Média" como uma conotação negativa, ao questionar a periodização convencional da história da Europa ocidental.

Olhando para o período antes de 330 e depois de 1500, a “Idade Média” na Europa Ocidental se coloca entre o ‘declínio’ do Império Romano, por um lado, e a forte emergência dos Estados europeus imperiais e seu retorno filosófico para os clássicos, por outro lado. A Idade Média abrange, deste modo, o período de transição entre duas manifestações de dominação imperialista patriarcal e colonial. Tal verificação é importante, na medida em que aponta para as linhas imperiais mantidas no traçar da historiografia medieval. Descolonizar a Idade Média de tais linhas é tarefa urgente e acredito que um estudo sobre suas mulheres místicas pode-nos ser de grande valia neste aspecto.

Quanto à posição das mulheres, podemos destacar dois aspectos notáveis: sabemos que no tempo da Roma Antiga, o “pater famílias” possuía o direito de matar filhas e também filhos com deficiência e abortar crianças que não eram desejadas. Sabemos igualmente que o período do Renascimento e o final da Idade Média, são caracterizados por um massacre organizado de grandes grupos de mulheres caracterizadas como bruxas, em uma combinação de poder religioso e político, juntamente com uma colonização sangrenta da Europa continental. Além disso, as universidades – redutos de homens – propagaram uma certa forma de conhecimento e desenvolveram, desta forma, um grande poder político.

Se este intervalo é chamado de Idade Média, é evidente que a periodização da história da Europa Ocidental é um resultado de uma definição patriarcal e imperialista. Nos últimos 40 anos, há uma publicação ampla sobre o período de 330-1500, especialmente por mulheres cientistas, a partir de uma perspectiva feminista. Elas mostraram que a influência das mulheres na vida social, política, religiosa e econômica nesse período foi bastante forte. Desde o século XI, mulheres se distinguiram pela auto-definição, auto-representação e auto-autorização, incluindo a esfera religiosa, e se definiram como parceiras em posição equivalente a dos líderes poderosos do sexo masculino no campo político e religioso (Lerner, 46-64).

Todavia, como diria Brecht, ‘a história é principalmente a história dos vencedores’: para a historiografia tradicional, estes séculos após a queda do Império Romano não foram considerados importantes pelo poder masculino. Desde o início da

Idade Média, percebemos um poder político crescente das mulheres nas grandes decisões e disputas sobre terras, fronteiras e poder religioso. Por um lado, as mulheres da nobreza emergiram no campo político: muitas mulheres de diferentes estratos sociais possuíam um papel importante na cultura, na economia, educação e religião (Bynum). Efetivamente, por volta do século XI até do século XII, as mulheres preenchem os papéis que tradicionalmente foram atribuídos aos homens na história. As mulheres eram pregadoras e professoras, um papel assumido mais tarde pelo clero. Elas estavam na liderança de grandes mosteiros de poder religioso e político (Lerner, 99).

Além disso, as mulheres lêem mais que os homens na Idade Média: leitura e escrita foram quase exclusivamente realizadas por mulheres. Como agora se sabe, a maioria dos homens eram analfabetos (Pernoud, 49). Em contrapartida, mulheres ensinaram meninas e meninos nos mosteiros. No período medieval, as mulheres ainda detinham uma grande potência econômica – possuíam cervejarias, fábricas, moinhos, empresas têxteis – e isso estava, em certas situações, relacionado com o seu poder religioso. Só aos poucos este poder vai desmoronar-se, já por volta do século XIV.

As universidades que se iniciaram no final do chamado período medieval entraram em conflito com as mulheres. Em um constante exercício hierárquico de condenação, o conhecimento das mulheres não foi mais levado a sério, ao ser empurrado para fora do pensamento intelectual. Seu principal corolário é a vasta perseguição às assim chamadas 'bruxas' (ver Margarete Porete, Joana d'Arc e milhares de outras mulheres).

A 'Mística feminina'

A palavra 'mística' na historiografia da Europa Ocidental se refere imediatamente a um grande número de nomes de mulheres e apenas a três notáveis nomes do sexo masculino (Ruysbroeck, Eckhart e João da Cruz). Isto torna evidente a importância das mulheres para a reavaliação e definição da vida religiosa nesse período. As mulheres místicas desempenharam um papel importante neste período em que o poder masculino na igreja foi devastado por conflitos internos e movimentos alternativos emergentes que foram considerados hereges. Nesse contexto conturbado, muitas mulheres levantaram sua voz e, portanto, possuem uma influência político-religiosa importante. Várias destas mulheres postularam-se como profetisas e fazem notáveis afirmações teológicas. Curiosamente, entretanto, o que elas proclamam não é geralmente definido como teologia, mas como mística. As mulheres desejam afirmar, com seu estilo próprio de falar, uma maneira distinta da religião proveniente da teologia clássica e querem dar a sua opinião em discussões teológicas. No entanto, os homens – para garantir a sua própria definição teológica – classificam estereotipadamente a teologia das mulheres como 'mística'.

A "mística", tal como é praticada por mulheres, é caracterizada por uma linguagem alegórica, uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade.

2. As fontes e suas interpretações

As fontes

A origem do material sobre a 'mística' das mulheres é muito diversificado: muitos materiais são registrados por confesores e padres que investigavam se as mulheres em questão eram ortodoxas ou heréticas. É claro que há textos das próprias mulheres ou em seus contratos escritos. Esse material, contudo, é possível apenas para

as esferas sociais mais altas. Existem também muitos arquivos de movimentos locais em diferentes cidades da Europa que não foram ainda pesquisados porque, afinal, estudar mulheres no período da Idade Média não é geralmente uma prioridade.

A interpretação

Existem diversas interpretações do fenômeno da mística feminina dependentes dos interesses ou da perspectiva dos investigadores. Estudos feministas das últimas décadas estão focados em uma abordagem crítica, tanto da perspectiva diacrônica quanto sincrônica do fenômeno medieval. Ciências humanas, de fato, nunca são objetivas e como aponta o paradigma hermenêutico, essas ciências são afetadas pelo olhar do pesquisador através dos séculos e da situação atual. Sendo assim, as definições sucessivas e a hermenêutica das fontes devem ser constantemente examinadas criticamente.

É possível verificar, por exemplo, como os movimentos sociais, a busca atual pela espiritualidade e a teologia contemporânea estão mais do que nunca interessados na mística feminina. Esses lugares sociais da produção histórica pode levar, em muitos casos, a uma romantização de determinados dados.

A forma do material

A definição de ‘mística’ é dada usualmente a uma determinada forma e estilo de textos históricos, a saber, aqueles que compreendem *visões, alegorias, metáforas e poesia* em uma relação específica com o corpo.

Centenas de mulheres entre os séculos XI e XV falam ou escrevem em forma de alegorias e discutem suas experiências visionárias. Por vezes, tais debates giram em torno até mesmo de visões que receberam numa idade muito jovem (cerca de 5 anos). Isso significa que esta forma literária foi considerada obviamente verdadeira em círculos cristãos, a fim de comunicar algo sobre o divino. Visões geralmente foram consideradas mensagens provenientes de Deus. Quando são inescrutáveis, a pessoa que recebe a visão é que deverá interpretá-la.

As visões – compreendidas como contato imediato com o divino – são um meio, um estilo, uma forma para aumentar a importância do conteúdo. Não chega a ser surpreendente que as mulheres façam uso desta forma literária, afinal, no campo teológico, os homens normalmente eram aqueles que determinavam ‘a verdade’. Para as mulheres ratificarem e afirmarem a importância de sua voz, precisaram articular seus conteúdos dizendo que a palavra provinha diretamente de Deus. A visão, portanto, é *um conceito estratégico* para garantir à voz teológica feminina uma dimensão divina e, conseqüentemente, sua autoridade. As mulheres querem afirmar que sua voz não é o resultado de uma emoção descontrolada, mas que vem do próprio Deus. Trata-se, pois, de uma maneira de contestar a voz dominante. A hermenêutica da mística, a meu ver, deve decifrar precisamente estes códigos de modo que se faça justiça às mulheres místicas que, ao encontrarem uma audaciosa forma de expressão teológica, abriram uma possibilidade de influência na igreja e no mundo (Lerner).

As alegorias e a poesia fornecem, ao mesmo tempo, chances para (i) experiências pessoais, bem como (ii) para uma multiplicidade de interpretações. Também é, por vezes, um modo de não precisar ser muito cauteloso para falar com clareza a respeito de posições políticas e religiosas. Com efeito, místicas femininas exercitaram de forma muito inteligente um poder dentro dos limites do que era possível para pessoas ‘de natureza feminina’. Nesse sentido, a mística é muito

diversificada e não pode ser captada a partir de dados únicos. Há diferentes ênfases em estratégia e local: as manifestações e organizações diferem na Europa meridional e ocidental. A maioria das mulheres construíram círculos em torno delas que, ao longo do tempo, cresceram e deram-lhes acesso a indivíduos poderosos. Isso geralmente ocorreu, ainda que cautelosamente, através de confessores ou a partir do poder de seu mosteiro.

3. Mulheres místicas, seu contexto e sua influência entre os séculos XI e XV

Nos últimos anos muitas pesquisas foram publicadas na área da mística feminina no período medieval. Seguindo tais estudos, é possível dizer que as mulheres místicas medievais tiveram um papel importante na vida eclesiástica, religiosa e também política e econômica. As mulheres se relacionaram com papas, bispos, teólogos e líderes políticos poderosos. Algumas, inclusive, fizeram isto numa idade muito jovem. Há vários escritos sobre a vida dessas mulheres, tecidos por suas próprias mãos ou por biógrafos de seu tempo, atraídos pelas próprias mulheres e a quem elas contaram suas visões.

Não só medievalistas estão interessados na investigação do conteúdo de seus escritos. Também teólogos e teólogas, voltaram-se para as místicas devido as implicações teológicas de muitas de suas afirmações. Nas palavras teológicas dessas mulheres do passado, vemos linhas desenvolvidas por teólogas feministas do presente e, igualmente, por vários teólogos do sexo masculino: redefinição do divino, relação entre divindade e ecologia, a importância do corpo na relação com o divino. Muitas das declarações teológicas místicas que estão sendo trabalhadas de forma paralela por teólogos contemporâneos nos fornecem aberturas para um diálogo mais amplo com outras religiões e filosofias como o Hinduísmo e o Budismo. As ideias das mulheres místicas possuem, deste modo, um significado muito contemporâneo.

Se neste artigo enfatizarei apenas quatro mulheres místicas (no interior de uma longa fila que haveria de ser considerada com mais detalhe), isso se deve precisamente pelos diferentes contextos em que elas funcionam enquanto protótipo. Portanto, o contexto social e econômico preciso em que cada mulher vai operar é de fundamental interesse.

Seria, pois, equivocado tratar essas mulheres apenas como indivíduos ou exceções. Em outros termos: tais mulheres não são arquétipos, mas protótipos de diferentes contextos em que uma mística poderia ser ouvida e criada. Vivem em mosteiros, em beguinarias, em ordens terciárias. Vivem sozinhas, como leigas, viúvas ou, ainda, como mulheres casadas. Dependendo do contexto, pois, é de se esperar que tais mulheres praticaram várias estratégias para a sua própria auto-representação e auto-autorização. Vale ressaltar, assim, que essas mulheres são apenas a ponta de um iceberg, em uma ampla gama de possibilidades dentro da qual elas se manifestam. As mulheres eram líderes, profetisas, pregadoras, responsáveis da pastoral litúrgica, escritoras, teólogas. Todas essas funções estão encapsuladas pelo termo ‘mística’.

Passemos a articular essa atuação contextual das mulheres a partir de suas múltiplas posicionalidades ou territorialidades: o mosteiro com Hildegard van Bingen; as beguinarias com Hadewijch de Antuérpia e Margareta Porete; as ordens terciárias e a prática de jejum com Catarina de Siena; a mulher intelectual leiga com C. De Pisan.

Hildegard de Bingen² (1098-1179): contexto do mosteiro

Hildegard já ‘recebia’ visões na idade de 3-5 anos. Ao que parece, era uma mulher com problemas de saúde, mas que viveu 81 anos. Ela se apresentou na idade de 8 anos em um convento localizado próximo a um mosteiro beneditino de homens. Sua tia Jutta, era a líder do mosteiro feminino e introduziu Hildegard na música e na língua latina. Provavelmente, Hildegard trabalhou muito no jardim.

Após a morte de sua tia Jutta, Hildegard foi eleita abadessa da parte feminina do mosteiro beneditino. Entretanto, após um tempo ela desejava operar de forma mais independente e assim decidiu criar, com suas irmãs, seu próprio convento em Bingen. Antes da difícil decisão – dada a resistência do abade do sexo masculino – Hildegard estava assustada e doente. Este padrão de doença em situações de temor já aparecera algumas vezes em sua vida (Lerner, 57). Não por acaso, ela censura a si mesma às vezes, quando acha que não poderia sustentar as críticas (Lerner, 51).

Quando fundou o seu próprio mosteiro, muitos adentram ao conselho: Hildegard começa a desempenhar um papel importante na política e na igreja. Ela, então, escreve extensivamente em várias áreas: música (lembremo-nos de que ela foi uma compositora muito famosa!), textos sobre botânica, belos desenhos, tratados teológicos, visões, textos cosmológicos, interpretações da Bíblia. Ela se destacou por conta de sua erudição. Não por acaso, ela é a mística mais conhecida do século XII. Sua fama é tão grande que em 1918 seu nome foi dado a uma estrela: asteróide 898 Hildegard, devido à importância cosmológica de seus textos. Além do reconhecimento de suas visões, ela indaga ao teólogo Bernardo de Clervaux quanto ao seu reconhecimento enquanto profetisa.

A música que compôs está preservada e disponível até hoje, inclusive, em CD. Eis um pequeno exemplo de um de seus poemas:

“Seja sol através de seu aprendizado
Seja lua através de sua adaptabilidade
Seja vento através de sua direção rigorosa
Seja ar através de sua suavidade
Seja fogo através da beleza de seu ensino.”

Como já dito, Hildegard era uma abadessa e abadessas tinham um grande poder no período medieval. Era até comum para algumas mulheres jovens serem líderes de um convento de freiras e homens, os chamados mosteiros duplos. Sabemos que no século XII, uma mulher de 26 anos, foi abadessa de um mosteiro duplo na França e recebeu o papa durante uma visita. Uma certa abadessa esteve a cargo de mais de 5000 homens e mulheres em um mosteiro duplo na França. Os membros do mosteiro declararam seus votos de obediência nas mãos dessa mulher (Pernoud, 94).

Até o século XVI, as mulheres eram importantes para a compra e a venda de terras e propriedades, bem como para o fechamento de contratos. E esse dado vale tanto para mulheres comuns quanto para abadessas. A partir do século XVI, contudo, as mulheres deixaram de ser vistas como capazes de competência jurídica (Pernoud, 136).

² Em 09 de maio de 2012 foi canonizada como santa e em 07 de outubro de 2012 como doctor ecclesiae.

Hadewijch de Antuérpia (1200-1260) e Margarete Porete (1250-1310): contexto da beguinaria

Um segundo grupo de místicas não está ligado aos mosteiros, mas às **beguinarias** (*Begijnhof*). Este fenômeno muito difundido em algumas partes da Europa Ocidental não é tão conhecido em outros países ou, por vezes, é mal interpretado. Duas mulheres beguinas bem conhecidas como místicas são Hadewijch de Antuérpia (1200-1260) e Margarete Porete (1250-1310). Elas fazem parte de um grande movimento leigo de mulheres que se desenvolveram desde o século XII nas cidades e no campo. Elas se chamavam Beguinias. Elas não viviam em mosteiros, mas individualmente viajaram por diversos países, ou viveram em comunidades e beguinárias. Até o século XVI na Europa Ocidental, este foi um movimento muito influente no âmbito religioso.

Com as beguinarias, as mulheres criaram uma espécie de cidade dentro da cidade. A maioria das casas foram construídas em círculo com um grande pátio e apenas uma única porta de entrada para esta ‘pequena cidade’. Em seu interior, cada mulher tinha sua própria casa. As primeiras beguinias, muito provavelmente, eram mulheres ricas que não desejavam se casar e nem queriam uma vida monástica. Mais tarde vemos que há beguinarias com mulheres de todas as camadas sociais.

Cada beguinaria era diferente. Existem, contudo, algumas características comuns: cada beguina trabalhou por seu próprio sustento; o grupo possuía estruturas sociais e democráticas; as mulheres eram economicamente independentes, autônomas e não vinculadas por regras religiosas. Havia uma senhora eleita que coordenava a beguinaria por um certo tempo e, assim, representava as mulheres no município. A Beguina se comprometia apenas em não se casar e ela poderia a qualquer momento sair da comunidade. Além disso, a comunidade nomeava ou expulsava os membros do clero com quem elas desejavam negociar. Beguinias traduziram a Bíblia e outros textos religiosos, lecionaram, cuidaram de doentes, venderam os seus talentos, tais como contabilidade, leitura e escrita. A mais antiga beguinaria está em Aachen, Alemanha (1230). A beguinaria de Breda, nos Países Baixos, data de 1254.

Em relação ao clero, as beguinias tinham tanto aliados como inimigos. Desde seu início no século 13, elas foram perseguidas em muitos lugares. Em 1311, o Papa condenou as Beguinias, mas o movimento floresceu ainda mais. Há vereditos do Papa Clemente XI, em que a música é proibida para as mulheres porque ela prejudicaria sua ‘modéstia natural’. Beguinias foram proprietárias e tinham seus próprios negócios: indústria têxtil, padarias próprias, fábricas e cervejarias. Esses bens e alimentos foram repetidamente redistribuídos entre os pobres da cidade.

Deste movimento, encontramos ainda resquícios, especialmente na Bélgica, Alemanha, França e Países Baixos. No século XVI, mais e mais restrições foram feitas para as beguinarias em relação à sua atividade econômica e cada vez mais passaram para o controle da igreja. Algumas mulheres beguinias foram queimadas na fogueira (como por exemplo, Margarete Porete).

Hadewijch de Antuérpia é uma grande poetisa e mística do século XIII. Supõe-se que ela – e Margarete Porete – pertencia a este movimento religioso de Beguinias, mas na verdade ela foi uma beguina viajante.

Hadewijch escreveu muitas cartas de amor, poemas e visões. Ela fala sobre o amor que é livre e orgulhoso e que cria autonomia e auto-consciência. Ela conectou canções religiosas com poesia dos trovadores daquela época. Ela se vê como uma noiva e amante de Deus, e descreve uma relação muito pessoal de amor com Deus que a leva a uma situação de liberdade e auto-estima. Ela discute seus textos com

'amigas' que estavam em sua volta e que ela visitava em suas viagens. Sua viagens foram, provavelmente, de uma beguinaria à outra. Ela escreveu no flamengo antigo, mas é claro a partir de seus escritos que ela domina o latim e o francês e estava familiarizada com os escritos de muitos eruditos de seu tempo. Ela é uma inspiração importante para Ruysbroeck e Eckhart, dois importantes místicos do sexo masculino. Margarete Porete também escreveu alegorias sobre o amor e a razão. Seus livros foram lidos em muitos lugares. Depois de algum tempo, eles foram proibidos e Margarete Porete terminou na fogueira, sob pressão da universidade de Paris.

Milhares de mulheres pertenciam ao movimento de beguinias no período da Idade Média e há provas, em muitos arquivos, que foram uma séria ameaça para o clero do sexo masculino. Em muitas cidades da Bélgica e dos Países Baixos existem arquivos sobre este fenômeno importante, mas que ainda não estão pesquisados e analisados.

Catarina de Siena (1347-1380): contexto das ordens terciárias

No sul de Europa viveram mulheres místicas de uma maneira totalmente diferente. Na Itália, o movimento de Beguinias não era conhecido. As mulheres deste contexto são principalmente membros de ordens terciárias: trata-se de um movimento de leigos que está ligado a um movimento de mosteiro como beneditinos, agostinianos, franciscanos, dominicanos. Os/as terciários/as, no entanto, viviam em casa e não se deixavam enclausurar, ainda que usassem o hábito. Tais mulheres fizeram esta opção pela mesma razão que as beguinias: elas não quiseram se casar e, ao mesmo tempo, não desejaram as trancas de um mosteiro mesmo que mantivessem relações com este.

Uma importante mística terciária foi Catarina de Siena no século XIV: ela é bem conhecida por sua firme vontade, sua liderança, sua forma extrema do jejum e a influência que tinha sobre o papado. O clero a chamava de arrogante. Nos textos que sobreviveram, podemos ler que ela até mesmo chama Deus a prestar contas, por não estar de pleno acordo com alguns ocorridos da época. Efetivamente, Catarina de Siena começava o jejum sempre que as coisas não aconteciam como ela esperava. Com seu corpo e a estratégia de jejum forçava imediatamente seu direito (Lerner, 57-58).

O historiador Rudolph Bell realizou um estudo da vida de 261 mulheres místicas na Itália entre 1200 e 1800 que foram reconhecidas como santas pela Igreja Católica (Bell, 1990). Nessa sua pesquisa, Bell conclui que 170 delas apresentaram sinais de anorexia. Uma dúzia dos casos são muito bem documentados e esta doença aparece de modo muito claro. As mulheres, de alguma forma, usaram a estratégia do jejum a fim de alcançarem seus direitos. Bell chama esse fenômeno de “sancta anorexia”: essas mulheres não possuem outra opção para se manifestar além de empobrecer seus próprios corpos. Elas vivem do pão e do vinho, especialmente o pão consagrado, a hóstia. É depois deste ‘santo consumo’ que as mulheres atingem visões. Curiosamente, esta situação foi vista como prova de santidade e suas visões foram consideradas divinas. Esta estratégia de empobrecimento do corpo se encaixa na preocupação medieval com alimentos. Carolyn Walker Bynum, em dois estudos convincentes, mostra que o alimento em seus extremos de festas e de jejum é um tema muito importante na religiosidade medieval.

Catarina de Siena usou regularmente esta estratégia de jejum: para não se casar, para ser capaz de juntar-se a ordem terciária, para desafiar o Papa. Catarina de Siena tinha, por assim dizer, uma cabeça dura e não quis obedecer a ninguém. Ela foi

depois canonizada, chamada professora de Igreja e Padroeira da Europa, as mais altas condecorações cristãs para se obter. Esta teimosia e estratégia de jejum usada por Catarina de Siena tem sido um modelo para as mulheres durante dois séculos.

Na concentração do jejum foi focada a hóstia (Bell, 45). Jejum era uma maneira de levantar-se contra a posição social de obediência a fim de recuperar a independência (Bell, 80). A família observava o comportamento, por vezes bizarro, como algo não imediatamente sagrado. Assim sendo, muitas dessas mulheres foram queimadas na fogueira, porque as vezes não foram suficientemente inteligentes para agir de uma maneira correta em sua estratégia. Em outros termos, essas mulheres não estabeleceram a paz entre a alma e o corpo (Bell, 136). Portanto, anorexia é, nesse aspecto, também uma expressão de impotência feminina dentro de uma constelação sociocultural determinada. Mas apesar de tal impossibilidade no âmbito sociocultural, as mulheres desejaram controlar o próprio corpo e impor sua autoridade (Bell, 36). Algumas faziam jejum até que a morte chegasse; outras se curaram com a ajuda de suas irmãs companheiras.

No fenômeno contemporâneo de anorexia nervosa, reconhecemos situações paralelas: controle sobre o próprio corpo, por vezes a partir do não aceitar seu corpo ou a partir da raiva. Pode-se perceber desde o estudo de Bell que muitas dessas mulheres místicas foram vítimas de violência doméstica ou violência sexual e de lá projetaram fantasias corporais em um pacote religioso: elas se identificaram com Jesus na cruz e com seu sofrimento, falaram sobre relacionamento amoroso com Jesus em termos sexuais (Bell, 146-150), sobre Jesus como noivo. Na confissão, elas usavam uma discussão teológica para lidar com o confessor. Algumas dessas mulheres comiam pouco para manter suas cabeças mais leves (Bell, 133). O sofrimento de Jesus é uma categoria central neste grupo de místicas. Catarina de Siena vê sua própria dieta como um desempenho heróico (Bell, 49). Ela responde principalmente à obediência e à disciplina que se espera dela e constrói um mosteiro nela mesma (Bell, 64-69). Algumas mulheres receberam permissão de papas e bispos para longos períodos de jejum (Bell, 109).

Christine de Pisan (1363-1430): contexto da intelectual leiga

Finalmente, quero destacar uma quarta linha de místicas em mais um contexto diferente. Como protótipo, refiro-me a Christine de Pisan. Na década de oitenta do século XX, o livro de Christine de Pisan – *A cidade de mulheres* – foi redescoberto na Europa e amplamente lido por mulheres cientistas, autores seculares, grupos de movimentos sociais e teólogas.

Christine de Pisan ocupa um lugar especial na transição do final da Idade Média para o início do Renascimento. Ela é um protótipo de mulheres leigas que escrevem. Mulheres autoras na Baixa Idade Média, tinham que provar-se em três níveis: (i) o escrito é seu próprio trabalho; (ii) elas tinham direito ao seu próprio pensamento; (iii) seu pensamento está enraizado em uma forma diferente de conhecimento. Apesar disso, elas eram, por vezes, vítima de auto-subestimação e auto-censura (Lerner, 47-49). Christine de Pisan é vista por muitos como a primeira mulher na Europa que pôde sobreviver com as receitas de sua escrita. Ela representa, por assim dizer, o ponto culminante da escrita mais intelectual que foi usada por Hildegard de Bingen no século XII. Várias mulheres já tinham escrito, mas muitos textos foram escritos também por padres e confessores.

Christine de Pisan é uma mulher casada que à primeira vista se apresenta não como mística. Alguns pesquisadores não reconhecem ela como mística porque ela foi

paga por seus escritos. Ela mesma tinha tomado a decisão de sustentar a família com seus escritos e conseguiu atingir tal feito. Tal como Hildegard de Bingen, ela tem um estilo múltiplo: um número muito grande de poemas em diferentes formas, especialmente uma boa parte de baladas. Além disso, escreveu muitas obras em prosa. Ela participou de várias disputas intelectuais, particularmente a controvérsia em torno do Roman de la Rose, em que ela se ressentia da maneira humilhante com que mulheres foram retratadas. Nessas disputas, não evitava contestar líderes públicos. Muitas de suas obras são de natureza didática, dirigida aos príncipes com instruções sobre como governar para manter a paz. Ela também recebeu comissões para escrever obras históricas.

Alocar Christine de Pisan no grupo de mulheres místicas se deve a três elementos:

- Seus vários escritos se dão a partir de suas próprias experiências e expressam muitos dos seus sentimentos. Ela própria é a fonte de sua escrita. Isto é particularmente evidente nos poemas. Esta é uma característica de todas as místicas.

- Christine de Pisan escreve em um estilo visionário, um estilo que é muito característico da mística feminina. Ela mesma esclarece a decodificação desse estilo estratégico. Diz ela: “estou sonhando, mas eu estou acordada!”

- Ela também se aventura em debates explicitamente teológicos. Seu livro mais famoso – *O Livro da Cidade de Mulheres* – remete claramente sua inspiração no título do livro de Agostinho, *A Cidade de Deus*. Christine de Pisan resiste contra os duplos padrões, critica a igreja que perde a sua santidade pelo acúmulo de grande riqueza e outros excessos, e ela chama a responsabilidade dos titulares eclesiásticos a se comportarem melhor. Christine de Pisan interpreta de uma maneira nova e autônoma os dados bíblicos e os mitos gregos. Ela reage contra a misoginia e os estereótipos das mulheres divulgado por homens de seu tempo. Proclama três virtudes divinas – Direito, Justiça e Razão. Estas três virtudes femininas fornecem a ela o contrato para construir uma cidade onde as mulheres vivem de forma segura e estarão protegidas contra as alegações de homens. As virtudes fornecem respostas às suas questões e cada resposta é um bloco de construção para a cidade de mulheres. É um livro fascinante com ideias ainda muito atuais.

Em nenhum lugar Christine de Pisan fala sobre o típico de uma natureza feminina: ela argumenta que as mulheres são iguais aos homens e como tal devem ser valorizadas. Apresenta-se claramente como uma leiga, uma mulher fora dos muros do mosteiro e das ordens terciárias.

Christine de Pisan é uma grande admiradora de Joana d'Arc, embora intelectualmente se situem em pólos opostos. De Pisan depositava grandes expectativas em Joana d'Arc, considerando esta última como um instrumento de Deus. Ambas estão sob ataque dos intelectuais da universidade de Paris que tentavam eliminar a influência dessas mulheres, bem como as próprias mulheres.

Christine de Pisan pode ser vista, como as outras mulheres mencionadas, um protótipo de grupos de mulheres que trabalharam de maneira semelhante e que moldaram sua resistência contra as visões predominantes de homens.

Algumas conclusões

A luta das místicas femininas acontece dentro ou na fronteira das instituições eclesiásticas em diferentes contextos. Um paralelo entre as mulheres nesses diferentes contextos é o apelo ético e teológico para uma forma de olhar diferente o mundo, a

ética e a língua divina. Paixão de e por Cristo é o enfoque principal, mas, além disso podemos ver novas imagens da divindade. Algumas imagens utilizadas são muito reconhecíveis nos novos desenvolvimentos teológicos dos últimos trinta anos: um discurso metafórico no qual Deus é classificado como uma mulher, como amante, como mãe; uma maneira muito aberta de falar sobre o corpo sexual para aumentar a relação com o divino. Igualmente, há uma grande atenção à Trindade em que a relação entre as pessoas divinas são estados centrais e distantes das idéias da teologia clássica. Fala-se de um papel feminino na salvação e mesmo Jesus é muitas vezes retratado como mãe (Lerner, 90-91). É justamente esta criatividade teológica que vai ser penalizada nos séculos seguintes.

A mística feminina e os conceitos estratégicos das mulheres no final da Idade Média – como visões, lidar com seus corpos, o uso de seu intelecto, seu próprio poder e auto-confiança para dar forma para sua própria vida – não serão mais possíveis a partir do século XV.

De fato, uma forte ofensiva se inicia sob dois ângulos nos séculos XV e XVI: a partir da igreja e a partir das cidades em crescimento e dos estados.

A *ofensiva da igreja* é dupla: por um lado, as mulheres que se unem em grupos são colocadas sob controle do clero: terciárias e beguinas são controladas e limitadas em seu comportamento. Por outro lado, há uma ‘purificação’ crescente e o clero mantém um olho afiado para discernir se as mulheres são sólidas na doutrina ou precisam ser condenadas como bruxas ou hereges. Milhares de mulheres, então, morrem nas piras funerárias. Há aldeias na Alemanha onde, depois de uma purificação, só 1 entre 10 mulheres sobreviveram.

Há também uma *ofensiva* contra a posição das mulheres a partir *da sociedade em transformação*: o poder das universidades está crescendo e as universidades exercem uma grande influência na vida política. O surgimento das universidades mantém o conhecimento sob controle. Nesse ínterim, o conhecimento trazido pelas mulheres é visto como perigoso e o controle das mulheres aumenta. A igreja apoia temporariamente as universidades como um meio de manter a fé. Este foi realmente o caso, porque o objetivo principal das universidades no século XV não residia na aquisição de novos conhecimentos, mas na preservação do conhecimento existente e das doutrinas da igreja. As universidades tiveram muitos privilégios e poderiam funcionar como um Estado dentro do Estado.

No tumulto da colonização e de cidades e estados emergentes, da Reforma e da Contra-Reforma, as mulheres foram mutiladas. A voz das mulheres não aparece mais tão claramente. Engenharia e racionalidade assumem o poder, visões se tornam perigosas ...

Na Idade Média e no início do Renascimento, o contexto social e cultural determinará se os esforços das mulheres para adquirir auto-controle sobre sua própria vida e espiritualidade serão avaliados como sagrado ou histórico (Bell, 38). Quão lamentável seria se a historiografia aceitasse facilmente a determinação histórica.

Referências

- Bell, Rudolph M. *Sancta Anorexia. Vrouwelijke wegen naar heiligheid, Italië 1200-1800*. Amsterdam: Wereldbibliotheek, 1990, 300p.
- Bynum, Carolyn Walker. *Holy Feast and Holy Fast. The Religious Significance of Food to Medieval Women*. Berkeley: University of California Press, 1987, 444p.
- Bynum, Carolyn Walker. *Fragmentation and Redemption. Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion*. Nova York: Zone Books, 1992, 426p.

- Cohen, Jeffrey Jerome. "Introduction – Midcolonial". In: Jeffrey Jerome Cohen (ed.). *The Postcolonial Middle Ages*. Nova York: Palgrave, 2000, p.1-17.
- Dickens, Andrea Janelle. *The Female Mystic: Great Women Thinkers of the Middle Ages*. Nova York: Tauris, 2009, 248p.
- Furlong, Monika. *Visions and Longings: Medieval Women Mystics*. Nova York: Mowbray, 1996, 248p.
- Kinoshita, Sharon. "Deprovincializing the Middle Ages". In: Rob Wilson & Christopher Leigh Connery (eds.). *The Worlding Project: Doing Cultural Studies in the Era of Globalization*. Berkeley: North Atlantic Books, 2007, p.61-75.
- Lerner, Gerda. *The Creation of Feminist Consciousness. From the Middle Ages to Eighteen-seventy*. Oxford: Oxford University Press, 1993, 395p.
- Pernoud, Regine. *Vrouwen in de Middeleeuwen, haar politieke en sociale betekenis*. Baarn: Ambo, 1986, 224p.
- Petroff, Elizabeth Alvilda. *Body and Soul: Essays on Medieval women and Mysticism*. Oxford: Oxford University Press, 1994, 235p.
- Pisan, Christine de. *Het boek van de stad der vrouwen*. Amsterdam: Feministische uitgeverij Sara, 1984, 262p.
- Wiethaus, Ulrike (ed.). *Maps of Flesh and Light: The Religious Experience of Medieval Women Mystics*. Syracuse: Syracuse university Press, 1993, 206p.